


“Adoradores de Baccho”: embriaguez, humor e ambivalência na imprensa pelotense (1930-1935)

“Bacchus’ worshipers”: drunkenness, humour and ambivalence in Pelotas press (1930-1935)



CARVALHO, Thaís de Freitas *

 <https://orcid.org/0000-0002-7381-9223>

RESUMO: Este artigo lida com a repercussão de hábitos presentes na sociabilidade noturna popular ligada ao consumo de bebidas alcoólicas. Partindo da pesquisa em dois jornais impressos da cidade de Pelotas na década de 1930, *A Alvorada* e *A Opinião Pública*, esse enfoque busca observar, no contexto de noites que experimentavam o crescente acesso das massas trabalhadoras, de que forma o lazer dos bares e botequins era percebido e veiculado nesses periódicos. Enquanto parte intrínseca à euforia e apreensão que compõem o imaginário ambivalente da imprensa ao lidar com a embriaguez, o humor aparece como recurso narrativo singular na veiculação dessa sociabilidade. Os esforços aqui contidos caminham no sentido de compreender os entrelaçamentos que compõem esse objeto, apontando o que ele carrega de singular e de universal através do espaço e do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Embriaguez; Ambivalência; Humor; Sociabilidade noturna; Pelotas.

ABSTRACT: This paper deals with the repercussion of some habits present in popular nighttime sociability linked to consumption of alcoholic beverages. Based on research in two printed newspapers of Pelotas in the 1930s, *A Alvorada* and *A Opinião Pública*, this approach seeks to observe, in the context of a nightlife that experienced the growing access of the working masses, how the leisure of bars and pubs was perceived and communicated in these periodicals. While an intrinsic part of the euphoria and apprehension that composed the ambivalent imaginary of the press when dealing with drunkenness, humour appears as a unique narrative resource in the transmission of this sociability. The efforts contained here aim at understanding the entanglements that shape this object, pointing out what it carries of singular and universal through space and time.

KEYWORDS: Press; Drunkenness; Ambivalence; Humor; Nighttime sociability; Pelotas.

Recebido em: 22/08/2020
Aprovado em: 19/11/2020

* Mestre em História pela UFPel, Pelotas, RS, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, RS. Bolsista CNPq. E-mail: thaisdefreitascarvalho@gmail.com. Este artigo constitui parte de minha tese de doutorado, em andamento.



A modernidade, assim como o humor, traz consigo boas doses de ambiguidade. Pode provocar sentimentos conflitantes, como a atração e a repulsão, ou ainda estimular o riso e o deleite em uns, e a mágoa, em outros, mas seus atributos de sedução são incontestáveis¹; mesmo os que saem ofendidos foram inegavelmente cativados e já não podem mais passar incólumes. A cidade de Pelotas carrega a fama de moderna e afinada com o bom gosto desde meados do século XIX, quando os descendentes da alta sociedade voltaram de seus estudos na Europa trazendo as modas e os hábitos dos salões franceses, o que certamente contribuiu para imprimir os contornos da posterior *belle époque* pelotense.² Apelidada de “Princesa do Sul” no contexto finissecular, a cidade exportava elegância com seus casarões suntuosos, clubes e saraus da elite charqueadora escravagista (AL-ALAM, 2007, p. 35).

Por entre vestígios de salões e perfumes, narrados em profusão, os divertimentos e estratégias da vasta maioria da população passam a merecer alguns contornos apenas a partir do período republicano. Mesmo assim, grande parte da sociabilidade das classes trabalhadoras passa também a se organizar sob moldes segregados, com a formação de sociedades de vínculo étnico e/ou profissional. As diversões das ruas e o entra-e-sai dos botequins e armazéns de esquina eram o elo que conectava os momentos de trabalho e lazer, pois faziam parte da transição do emprego para o descanso; das obrigações, para a festa e a celebração. Se é verdade que os causos e histórias vividas por entre bares e botequins permanecem inacessíveis aos historiadores, é também certo que podemos lançar mão de todas as nossas habilidades de rastreio míope para “garimpar” os respingos dessa sociabilidade ainda debilmente iluminada pela historiografia.

A década de 1930 foi um período de condensação de diversas transformações em curso em Pelotas desde as primeiras décadas do século XX. Apontado como o ocaso

¹ Neste artigo, compreendem-se estas seduções da modernidade não enquanto conceito, mas como o conjunto de estímulos aos sentidos que fizeram parte da urbanização das cidades brasileiras na virada do século XIX para o XX. Ao longo das primeiras décadas do século passado, foram significativos os elementos de incentivo ao desejo (e ao consumo) que passaram a fazer parte do cotidiano das massas urbanas, expressos no impacto da eletrificação, vitrines, cinema, etc.

² É significativo o fato de estudiosos da historiografia pelotense apontarem uma *belle époque* com contornos locais bastante evidenciados. Por um lado, o *fin-de-siècle* seria o apogeu de Pelotas tanto quanto a *belle époque* significou o período de progresso social e científico em âmbito global; por outro lado, a decadência do período de ouro da economia pelotense obedeceria a uma lógica mais estendida do que o marco da Primeira Guerra Mundial (1914). Segundo a pesquisadora Fabiane Villela Marroni (2008), os limites da *belle époque* pelotense poderiam ser prolongados até o ano de 1927. De qualquer forma, os efeitos da crise dos anos 1920 – culminados na “quebra” de 1929 - e o turbulento início da década de 1930 (com o golpe de outubro de 1930, responsável por alçar o então governador do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, à presidência), parecem sinalizar importantes transformações também no contexto local da região. Entre a sobrevivência da economia tradicional e a transição para a dinamização diversificada, o autor Mario Osorio Magalhães (1994, p. 88) situa “a falência do Banco Pelotense, em 1931”, como um “divisor de águas”, no que corresponde à sinalização do declínio definitivo da era que impulsionou o desenvolvimento da cidade.

definitivo de um modo de vida pautado pela economia charqueadora, o período dos anos 1930, com suas rupturas políticas e econômicas, espalhava investimentos por diversas áreas, intensificando o processo que levava de uma dependência quase que exclusiva de um único produto, para um contexto de urbanização acelerada, proliferação de fábricas e uma cultura de consumo que estendia seus braços para as classes trabalhadoras.

Pelotas também era uma das quatro cidades do Rio Grande do Sul com mais de 100 mil habitantes no final da década de 1930 (SOARES, 2007). Ademais, o pós-abolição havia deixado grande parte da população sujeita à discriminação racial e sem os subsídios oferecidos aos imigrantes europeus, por exemplo, fazendo com que um grande contingente da população das cidades oscilasse entre atividades informais. Apesar de não mais possuir a importância cabal para o desenvolvimento econômico do estado no período, Pelotas ainda se constituía como um polo agregador de negócios, oportunidades e educação para as cidades da metade sul. Além disso, compunha, juntamente com o complexo portuário de Rio Grande, escoadouro da produção agrícola da região e porta de entrada de informações, modas e produtos das principais capitais brasileiras e europeias.

A vivência mundana e cidadina dos anos 1930 deveu-se, em larga medida, às transformações estruturais e gradativas em curso não só na cidade, mas no estado, no país e no mundo.³ Os impactos da crise de 1929 evidenciaram as carências e vulnerabilidades da economia brasileira, e impuseram transformações e investimentos diversificados. As consequências desse processo foram sentidas nas formas de morar, se locomover e conviver com os demais habitantes. A sociabilidade noturna na cidade, com os impactos da expansão da eletrificação, proliferação de salas de cinema, cafés, confeitarias com *jazz-bands* e linhas de bondes elétricos até altas horas da noite, também constituía um desses valorizados emblemas da cultura urbana pelotense (BORGES, 2008; LONER; GILL; MAGALHÃES, 2010).

A vida noturna tornava-se um dos maiores signos de cosmopolitismo das cidades, junto ao *Jockey Club* e o teatro, com a diferença que o hábito dos cafés era mais

³ Segundo a pesquisadora Carmen Da Matta (2003), o mundanismo difundido no Rio de Janeiro da *belle époque* contrapunha-se à vida privada, tendo como foco o convívio social atento aos hábitos dos grandes centros culturais do mundo, especialmente às modas parisienses ligadas aos cafés e salões sofisticados. No entanto, os cronistas mundanos, aspirantes ao cosmopolitismo das grandes cidades, diferenciavam-se dos *flâneurs* boêmios “pobres-diabos do povo”: a boemia aburguesava-se e tornava-se *dandy*, com seus observadores cultos, requintados e bem-vestidos. “Entenda-se por “mundanismo” um panorama repleto de acontecimentos sociais, fofocas, intrigas, disse-me-disse, de modas. Consolida-se nessa época o antagonismo entre a “cidade”, formada pelos bairros mais aristocráticos, e os “subúrbios”, com costumes e hábitos mais simples” (DA MATTA, 2003, p. 269). Mesmo correspondendo à sua própria temporalidade nesses processos, entendemos que o mundanismo, veiculado e festejado pelos cronistas da cidade de Pelotas, não estava muito distante da explicação da autora.

acessível. As noites pacatas e silenciosas eram sinônimo de provincianismo, principalmente para aqueles jovens que voltavam dos grandes centros estudantis acostumados ao ritmo vertiginoso das noites modernas. “Almejava-se também o gênero de vida mundano que os romances e os jornais difundiam, e um certo tipo de anonimato que caracterizava a existência da grande cidade, graças ao qual a vida parecia mais livre e a possibilidade da aventura mais fácil.” (ROMERO, 2004, p. 294).

As sociedades profissionais, associações culturais e grupos reunidos em torno do lazer e do entretenimento também são elementos-chave para a compreensão de como as sociabilidades refletiam essa inserção das classes subalternas na cultura urbana e nos hábitos de consumo, assim como os clubes tradicionais e suas atividades que revelam outro tanto sobre as elites. No entanto, paralelo ao desenvolvimento do associativismo - em acentuada profusão desde os anos 1920, e reflexo de uma coletividade social e etnicamente segregada -, a comunidade de livre acesso dos bares, *kiosques* e cafés se fortalecia como reduto de uma experiência democrática, ainda que ilusória ou temporária, de convívio entre segmentos sociais distintos.

A utopia urbana da civilização moderna estaria expressa nessa sociabilidade cotidiana, efêmera e lúdica do “beber junto” (GAYOL, 1993; 2000). Determinados circuitos no espaço público da cidade facilitavam esses encontros entre cidadãos oriundos de diversos endereços, profissões, ampla faixa etária e nacionalidades. Apesar da vasta maioria dos mencionados nos jornais ser composta de nomes masculinos, também apareciam inúmeras referências a mulheres nos bares, embora quase sempre associadas, explícita ou implicitamente, com a prostituição. As ruas do centro, adjacentes à praça central e às proximidades do mercado público, aglutinavam uma profusão de bares, cafés e quiosques, mas a localização privilegiada não daria conta de explicar isoladamente esses cruzamentos de diferentes indivíduos caso não houvesse um hábito amplamente difundido no cotidiano da população.

Essa circularidade cultural é basicamente condição *sine qua non* da sociabilidade boêmia. O momento do dia que desafiava a regulação de corpos e comportamentos, constituindo-se enquanto o vórtice lúdico da vida moderna, combinava tanto elementos do mundanismo burguês quanto as seduções de uma vida desregrada e transgressora (SEIGEL, 1992). Nesse sentido, não é difícil compreender a proximidade entre os temas da embriaguez e do crime, ora como entrelaçamento característico das principais atuações policiais na cidade (GOUVÊIA, 2015), ora como elementos substanciais das publicações “sensacionais” da imprensa.

São evidentes as dificuldades de se apreender, na investigação histórica de vestígios e fontes disponíveis, o significado desses momentos para os envolvidos, ou

mesmo os rituais pertencentes a esses encontros. Nas fontes judiciais, encontramos a riqueza das descrições; ali, descortinam-se espaços, sujeitos, caminhos e tropeços dessa sociabilidade (CARVALHO, 2017). Porém, tais fontes, permeadas pelo caráter excepcional do encontro com o poder da Justiça, conferem ligações frágeis com estatuto cotidiano desses hábitos. Cientes disso, a imprensa nos parece fornecer uma percepção melhor sustentada naqueles costumes arraigados, ocorrências corriqueiras que já não mereciam processos criminais, mas que ainda permaneciam sob o olhar atento da sociedade e/ou da vigilância da polícia. Para usar a expressão de Guimarães (2014, p. 122), nestas (nem sempre inofensivas) notas cotidianas estão contidos vestígios preciosos da “materialidade dos imaginários”.

Com tais considerações, verificamos que alguns periódicos pelotenses do período se destacam ao propor uma comunicação mais direta com os grupos de trabalhadores do que com a elite. Nos jornais de tiragem periódica do início do século XX, são perceptíveis os vínculos entre o editorial e um *mundo de referência*, como diria Eco (1993). Ou seja, na busca da imprensa por uma mediação representativa dos interesses comuns, as publicações acabavam por afinar o olhar com as visões de mundo de um grupo amplo e médio, ligado em maior ou menor medida com a manutenção e reprodução do *status quo*. O mundo de referência dos editores, colunistas e noticiaristas do período se situava em algum ponto entre o mundo dos profissionais liberais, comerciantes e trabalhadores, ainda que buscassem a maior comunidade possível nos limites e intersecções dessas especificidades. Todavia, produzir consenso é tarefa intimamente ligada a estar atento às sobreposições e interpenetrações entre mundos de referência distintos; em vista disso a ideia foi selecionar periódicos cuja abordagem se estendesse aos interesses dos segmentos populares.

Os periódicos do período de 1930, disponíveis para pesquisa no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense (BPP), transitam entre aqueles vinculados a partidos políticos (*Diário Liberal*, *Diário Popular*, *O Libertador*) e aqueles cuja sobrevivência, enquanto negócio, dependia dos anunciantes do comércio e das assinaturas de particulares (*A Opinião Pública*, *A Alvorada*), além de possuir alguns títulos cuja circulação no período foi mais efêmera (*Folha do Povo*, *Correio Mercantil*). Com exceção do *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, todos os demais possuem exemplares em periodização intermitente na hemeroteca da BPP. Alguns livros estão interditados devido ao mau estado de conservação, dificultando, assim, o acesso a semestres ou anos inteiros de edições dos periódicos.

Visando chegar o mais próximo possível do nosso enfoque, a escolha nesta pesquisa foi observar essas referências em periódicos que oferecessem uma boa

cobertura das opções culturais de divertimentos populares, ou seja, próximos aos hábitos das massas trabalhadoras; que possibilitassem análises comparativas acerca das diferentes diversões noturnas anunciadas ao público, e que permitissem a observação do que era veiculado nas colunas policiais. Por isso, chegamos aos jornais *A Alvorada* e *A Opinião Pública*.

O primeiro, autointitulado “periódico litterario, noticioso, crítico”, era uma iniciativa dos irmãos Durval e Juvenal M. Penny, e foi um dos periódicos negros⁴ mais longevos do país, cobrindo semanalmente o período de 1907 a 1965. Com poucas intermitências, fazia parte de uma rede de periódicos negros fortemente conectada durante as primeiras décadas do século XX, com tiragens normais variando entre 200 a 1000 exemplares, podendo chegar à tiragem semanal de 3 mil exemplares, dependendo do ano (SANTOS, 2003; 2011). Os irmãos Penny aglutinaram um grupo bastante coeso de colaboradores, reunindo nomes da intelectualidade negra pelotense, como Armando Vargas, Humberto de Freitas, Rodolfo Xavier e Antonio Baobad, o qual é apontado como o vórtice em torno do qual teriam partido as primeiras idealizações do periódico (SANTOS, 2002).⁵ Levando em consideração que a comunidade negra constituía parte significativa dos habitantes da cidade, bem como de sua parcela de trabalhadores (DORNELLES, 1998), o *Alvorada*⁶ se constitui como uma fonte inestimável para esta pesquisa.

⁴ Segundo a definição de Santos (2003; 2011), uma imprensa negra é aquela produzida por negros e voltada para atender às suas questões. “Os periódicos que compõem o que entendo como imprensa negra, até as primeiras décadas do século XX, davam destaque para as questões educativas do meio negro e tinham viés moralizador nos seus artigos. [...] tornaram-se uma imprensa alternativa aos jornais de grande circulação, uma vez que os negros não se viam representados nas suas páginas. Eles faziam uso das suas próprias folhas para divulgar as festas, casamentos, aniversários, batizados, nascimentos, mortes, situações de discriminação e preconceito, assuntos políticos e sociais de interesse do público a que eram dirigidos. Os jornais eram produzidos por uma minoria de negros alfabetizados, geralmente melhor posicionados na hierarquia social, mas que representavam os desejos e as aspirações daquela parcela da população que diziam representar.” (SANTOS, 2011, p. 88).

⁵ Antonio Baobad e Rodolfo Xavier eram irmãos e operários chapeleiros que se tornaram lideranças responsáveis pela fundação e direção de inúmeras associações culturais e sociedades trabalhistas em Pelotas, desde fins do século XIX; dentre elas, a União Operária Internacional (1895). Os irmãos Durval e Juvenal Penny, fundadores do *Alvorada*, começaram como operários de tipografias e consolidaram sua trajetória como membros notórios da comunidade negra local. Durval tinha farmácias e consultório médico no município, prestava atendimentos de saúde a custos baixos, facilitando o pagamento em espécie – a possibilidade de Durval ser o real Dr. Pescadinha, assinante da coluna aqui investigada, é bastante alta. Juvenal, apontado como o dono do jornal de 1907 a 1946, era também proprietário de uma fábrica de fogos de artifício. Ambos tinham fortes ligações com a União Operária e a Frente Negra Pelotense, além de colaborarem na direção de clubes e associações negras. Armando Vargas e Humberto de Freitas, também membros e consultores de sociedades culturais, estão entre os colaboradores responsáveis pela gerência do periódico a partir da década de 1930, bem como participantes e propagadores em destaque da Frente Negra Pelotense (SANTOS, 2002; OLIVEIRA, 2017).

⁶ Para fins de fluidez no texto, optou-se por algumas abreviaturas dos nomes dos periódicos mencionados. Portanto, o jornal *Diário Popular* é mencionado apenas por ‘*Diário*’, da mesma forma que *A Opinião Pública* aparece enquanto ‘*Opinião*’ e o *A Alvorada* é muitas vezes contraído para ‘*Alvorada*’.

Já o *Opinião Pública* foi um periódico fundado a partir de dissidências políticas entre parte da equipe formadora do *Diário Popular* - jornal criado para ser independente, mas em seguida vendido ao Partido Republicano Riograndense (PRR). Fundado em 1896 pela equipe saída do *Diário*, redatores e noticiaristas como Arthur Hameister, João Alves de Moura e Theodozio das Neves compuseram a sociedade fundadora do *Opinião*, até que, uma década depois, após o falecimento de João Moura – para quem os demais sócios haviam vendido suas cotas –, a família do proprietário passou a intercalar a administração do jornal com vários arrendatários ao longo das primeiras décadas do século XX. Esse aspecto foi apontado por Beatriz Loner (1998) como o diferencial que conferiu trajetória singular não só ao *Opinião* em si, como aos debates difundidos pela imprensa pelotense da República Velha, que tinha no *Opinião* o contraponto editorial de grupos não necessariamente partidários, os quais dispunham de capital e um projeto jornalístico a veicular.

Na década de 1930, o *Opinião* era comandado por Mario Santos, acadêmico de Direito, que imprimia um caráter crítico e anti-imperialista ao periódico, mas em 1931 a família dos proprietários assume a administração, permanecendo à frente do jornal até meados de 1935. A partir desse período, o jornal assumiu um caráter dinâmico, com editorial amplo e vários associados. Sob a direção do advogado e político Bruno de Mendonça Lima e sua equipe, o *Opinião* adotava uma perspectiva mais progressista. Segundo Loner (1998, p. 14), apesar de envolvido na criação de um partido socialista, a qual teria sido interrompida pela instauração do Estado Novo varguista em 1937, Bruno consegue orientar a adaptação do jornal para que este permanecesse “decididamente a favor dos interesses populares”.

O *Alvorada*, constituindo um semanário, possui diferenças consideráveis nestas características físicas. Sob a direção de Armando Vargas nas décadas de 1930 e 1940, o hebdomadário saía aos domingos e possuía dimensões mais modestas em comparação aos diários do período, como o *Opinião*. Com folhas menores, recorria com parcimônia às fotografias; porém frequentemente investia em fotografias de seus articulistas. Jornal formado por e produzido para negros, o *Alvorada* investia pesadamente em uma campanha pró-educação e, nesse sentido, valorizava os exemplos que seus colaboradores poderiam representar perante a comunidade negra pelotense. Ao longo das décadas de 1930 e 1940, os anúncios presentes no periódico apresentavam incremento de ilustrações, evidenciando um processo de gradativas alterações em seu formato.

No caso do *Alvorada*, acompanhamos as edições disponíveis na BPP, as quais compreendem o período de 1931 a 1935. Adotamos o critério de busca da vida noturna

popular, observando anúncios e colunas que se referissem à diversão noturna, bem como às representações presentes no periódico acerca de hábitos desejáveis ou indesejáveis durante o tempo livre. O *Opinião*, por possuir editorial mais abrangente, permitiu observar não só os tipos de diversões noturnas veiculadas - convites para bailes, anúncios de eventos de *clubs* e associações (mediante ingresso), cafés e confeitarias -, como também as seções dedicadas àquelas ocorrências policiais que não chegavam a caracterizar crime e que permaneciam no limbo das atividades sem documentação preservada.

No entanto, imagens sobre esses eventos cotidianos ainda são raras. Tanto os divertimentos quanto os desfechos trágicos dessas noites permaneciam dependentes das narrativas textuais dos jornalistas. O recurso às fotografias, em ambos os periódicos, parece obedecer a critérios pragmáticos, como a identificação de colunistas, colaboradores, figuras de destaque na coluna social – casos frequentes no *Alvorada* –, ou ainda, retratos de políticos proeminentes e indivíduos envolvidos em crimes, tanto vítimas quanto acusados – registros mais presentes no *Opinião*. Se considerarmos que Mauad (2006) situa o surgimento da fotorreportagem e da figura do editor de fotografias na imprensa brasileira a partir dos anos 1930, não surpreende que essa técnica ainda não esteja muito difundida em Pelotas no período.⁷ Contudo, ilustrações já eram bastante recorrentes entre os anunciantes desses jornais.

Durante nossa busca pela diversão popular na imprensa, foi possível perceber que, no editorial mais abrangente do *Opinião*, as opções do lazer popular não raro apareciam permeadas pela narrativa da violência; ou seja: os relatos desses momentos de festa apareciam somente quando acontecia algum conflito em que o hospital ou a delegacia constituíam o destino final.⁸ O *Alvorada*, cujo editorial estava mais voltado ao cotidiano de trabalho, consumo e lazer do operariado, especialmente da comunidade negra, mantinha vínculos sólidos entre seus colaboradores e os clubes e associações populares, e conseqüentemente, conferia maior espaço à cobertura dos bailes e eventos anunciados.

Entretanto, em meio às leituras cuidadosas desses exemplares na BPP, saltavam à vista elementos em comum entre as notas de ambos os periódicos no que diz respeito à embriaguez. Ainda perpassados pelo forte apelo da campanha antialcoólica que varreu a imprensa brasileira durante as primeiras décadas do século XX, as folhas distintas do

⁷ Entretanto, é prudente salientar que, na década seguinte (1940), o *Alvorada* apresenta incremento substancial de imagens, dentre elas fotografias e ilustrações, o que pode constituir um indício do acesso a novas técnicas, capacitação e/ou equipamentos.

⁸ Esse aspecto também foi perceptível no editorial do *Diário Popular*, o qual fez parte do levantamento prévio que precedeu esta investigação.

Alvorada e do *Opinião* guardavam notas sutis em meio às letras garrafais do discurso da temperança. Ao ajustar o foco das lentes, ao longo do atento trabalho de pesquisa manual, o humor aparentemente contraditório conferia uma ambivalência *sui generis* ao discurso dessa imprensa sobre a embriaguez.

O *Alvorada*, por exemplo, ao mencionar a relação das mulheres com a bebida, não atribuía a estas exclusivamente o papel da temperança e tampouco associava obrigatoriamente as mulheres que bebiam à prostituição. Uma explicação possível é a de que as mulheres bebedoras, referidas nas notas do periódico, eram aquelas cujo hábito era percebido em locais “permitidos” às mulheres “honestas”, como os bailes das associações e clubes colaboradores do periódico - ademais, certamente essas mulheres os frequentavam acompanhadas. No *Alvorada*: “pesquei o jovem Manéca, andar querendo conquistar o coração da Miss Copinho. Cuidado seu moço, que namoro com essa pequena, no fim é sempre aquela água.”⁹ (PESCADINHA, 1934a, p. 5).

Mas o quão distantes estavam os editoriais do *Alvorada* e do *Opinião*? As características físicas do *Opinião Pública* traduzem exemplarmente a aparência de um jornal diário de uma cidade brasileira de médio porte no período. As folhas variam em termos de diagramação e disposição nas 4 páginas do periódico. No entanto, a página que menos varia é a primeira. A capa, geralmente, contém matérias políticas locais ou vindas de outros Estados e países; a segunda página contém um prolongamento dos artigos internacionais e/ou de outras localidades, e já apresenta alguns anúncios; a terceira página contém, na maioria das vezes, anúncios comerciais (atendimentos médicos e odontológicos, remédios, alfaiatarias, casas de artigos domésticos, empresas de viagens) e eventos de clubes. A última página, na contracapa, segue com anúncios de teatros, cinemas, seção desportiva e notas policiais.

Ao longo das páginas de 3 e 4, em meio a anúncios de cinemas, teatros e clubes de patinação, o *Opinião* apresentava, no início da década de 1930, a seção “Chronica Policial”, que contava com excertos curtos e diretos sobre as ocorrências reportadas pela polícia. Concomitante ao desaparecimento dessa seção (é preciso lembrar que o jornal passa por diferentes administrações ao longo da década de 1930), aparece no jornal uma seção chamada “Factos da Rua”, a qual discorria sobre múltiplas situações de divertimentos, prisões e conflitos populares. Sem dispor de uma diagramação fixa, essa seção variava de localização e tamanho nas páginas, e poderia ficar alguns dias sem

⁹ Ao longo do artigo, procuramos seguir a grafia original das fontes.

aparecer¹⁰, mantendo, porém, a característica de reportar, muitas vezes de forma bem-humorada, acontecimentos fortuitos do espaço público. Ao mencionar homens e mulheres detidos por embriaguez, o *Opinião* normalmente expunha os nomes completos de todos os envolvidos.

Chronica Policial

Uma "canoa" policial na casa "Biriba"
FORAM PRESOS DIVERSOS EMBRIAGADOS
A casa "Biriba" é um dos muitos antros de borracheiras contínuas. Ontem a policia resolveu dar, alli, uma batida, tendo feito uma limpa em ordem. Foram presos os inveterados adoradores de Baccho: José Abreu, Casemiro Gouvea, Antonio Alves, João Francisco Moraes, Mario Maciel, João da Cruz Freitas e as mulheres Maria Candida Teixeira, Maria Souza Alayde Silva, Julieta dos Santos. (CHRONICA..., 1930b, p. 4).

O *Alvorada* não dispunha de seções inspiradas nas colunas de variedades ou nas crônicas policiais. Por outro lado, em conformidade com sua empreitada moralizadora e educativa, apresentava a recorrência de artigos e crônicas sobre hábitos culturais como o jogo, as festas e a embriaguez. Possuía uma coluna fixa chamada “Pesquei”, assinada sob o pseudônimo de “Dr. Pescadinha”. Em tom bem-humorado, expunha hábitos, conflitos e comportamentos indesejáveis observados entre os membros da comunidade leitora do jornal. Esses casos eram notados pelo colunista em clubes, bares e ruas da cidade. Por meio dos apontamentos do “Pescadinha”, podemos vislumbrar não somente a ambivalência presente nas percepções sobre a embriaguez e os divertimentos populares, como também o mosaico do lazer noturno popular na cidade, seus consensos e estigmas.¹¹

Pesquei

pesquei o cabo Raul Barreto, (vulgo Sector), por encher o côco e depois andar dizendo a seus collegas, é eu sou é bamba.
Estou de accordo, seu Sector, porque se assim continuar dentro de pouco tempo não existirá mais alcool em Pelotas. (PESCADINHA, 1932a, p. 5).

¹⁰ Não por acaso, é perceptível que o adensamento dessas seções se dava imediatamente após o final de semana, quando eram reportadas a maior parte dos conflitos em bailes, bares e ruas do município.

¹¹ O uso de pseudônimos geralmente escondia percepções moralizantes e bem-humoradas dos proprietários ou principais colaboradores dos periódicos. Bastante difundido no Brasil, era utilizado também por escritores consagrados no intuito de não “manchar” suas contribuições “sérias” com as chacotas e ironias. O pesquisador Alvaro Simões Junior (2005, p. 6) destaca um trecho de Olavo Bilac, em crônica publicada em 1897, na *Gazeta de Notícias* (RJ), no qual o escritor explica esse apelo entre os colaboradores dos jornais. Nessa crônica, o poeta se opunha a um projeto de lei, então apreciado no Congresso, o qual visava proibir o anonimato na imprensa. Consideramos tal fato esclarecedor e por isso o reproduzimos aqui: “o uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve: todo o mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio. Mas, na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá o seu verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente. / Para cada estilo, cada assinatura.”

pesquei o Pernetá e o Vavá e mais outros, no dia de São Pedro, quererem que o balão subisse sem mecha e somente com álcool. (PESCADINHA, 1935, p. 5).

pesquei o "fogo" do Ciri... numa festa da rua G.Teles. Eu vinha passando quando deparei com aquele incendio... (PESCADINHA, 1934, p. 4).

A variedade de temas e notas curtas que encontramos aproximavam-se dos *faits divers*, no sentido de que fala Guimarães (2007), quando explica que tais textos exploravam muito mais um engajamento de ordem moral por parte dos leitores do que alguma consciência crítica ou elementos de justiça social. Ao mesmo tempo, essas notas carregavam aspectos benevolentes do humor do bêbado, aquele que se diverte ao rir da incapacidade do autocontrole derivada da intoxicação alcoólica de outrem. Apesar da popularização das “notícias diversas” na imprensa brasileira ser apontada como um fenômeno verificado desde a virada do século XX, é preciso lembrar que os fluxos dos editoriais de periódicos brasileiros correspondem a distintos andamentos conforme a região, resultando em um esforço bastante artificial de tentar implementar categorias estanques e recortes cronológicos engessados a um país vasto e de dinâmicas tão díspares.

Nessa linha de pensamento, as múltiplas trajetórias da imprensa das cidades de médio porte e/ou distantes dos grandes centros do país tendem a apresentar um desenvolvimento menos compatível com as classificações estabelecidas pela historiografia da imprensa no Brasil. A temporalidade clássica apontada por historiadores do peso de Nelson Werneck Sodré obedece a um critério político-administrativo nem sempre determinante nas regiões distantes da capital federal. Sodré (2011) assinala o início do período republicano como marco para a transição, de uma imprensa dividida entre embate político-partidário e iniciativas isoladas do jornalismo amador, para o surgimento de uma grande imprensa pautada no gerenciamento de cunho empresarial.

No entanto, essa transição pode ganhar contornos particulares conforme o desenvolvimento tecnológico e a aceleração do processo de urbanização das cidades. A pesquisadora Valéria Guimarães (2014) destaca a difusão do telégrafo (1877-1914) como um marco importante para o contexto brasileiro nas primeiras fases do largo período de modernização da imprensa, o qual teria tido início já em 1850; ressalta, além disso, as trajetórias variantes entre as regiões do país. Creemos que essas ponderações fazem muito sentido ao se pensar nas periodizações adotadas, pois não apenas as novas tecnologias da comunicação, como o telégrafo, disseminam-se de formas distintas ao longo do território brasileiro, como também as técnicas de impressão e equipamentos.

Muitas vezes, é justamente a adoção de novo maquinário por um jornal maior que faz com que empreendimentos mais modestos do interior possam ter acesso a técnicas já difundidas nos grandes centros.

A circulação de equipamentos em um mercado de segunda mão é tanto mais importante quanto maior a compreensão de que a iniciativa periodística no período nem sempre era acompanhada por uma profissionalização específica; muitos dos fundadores de periódicos tinham outras ocupações e o jornal nem sempre era a principal delas. Tais ressalvas tampouco se restringem aos aspectos supracitados. A circulação de jornalistas e de ideias também assiste a um período de coexistência, nem sempre pacífica, entre o novo e o velho.

Se nas primeiras décadas do século XX, periódicos como *A Alvorada* foram marcados pela presença maciça da linguagem literária e rebuscada, a tendência à oralidade nos textos e rubricas, bem como aos acontecimentos do cotidiano popular - o que particularmente interessa a esta análise -, vai aos poucos reivindicando seu lugar, direcionando a um movimento em franco diálogo com o adensamento das vivências urbanas. A imprensa, enquanto cultura de massa, tanto vai penetrando no cotidiano dos setores subalternos da sociedade quanto vai sendo penetrada por esse mundo de referência mais abrangente. A própria emergência da administração de um jornal, como uma empresa viável e que dê lucro, acaba sendo reflexo de um contexto de urbanização cujas massas assalariadas cresciam e adentravam a lógica acelerada dos estímulos e do consumo.

À medida que as cidades vão aglutinando diferentes formas de comunicação voltadas ao entretenimento, como o teatro, o cinema, o rádio e a própria sociabilidade dos centros e cafés, - onde mesmo aqueles que não haviam lido a notícia no jornal acabavam se inserindo na discussão -, a circulação de ideias transpõe também barreiras intelectuais. Dessa forma, o impacto diário dos assuntos em voga abrangia muito mais do que os letrados, ou assinantes que liam o jornal no conforto de suas casas. O conceito de cultura midiática, como o entende Mollier (2008), ajuda a operacionalizar uma pesquisa que envolve imprensa e cotidiano oral, pois considera esse conjunto de manifestações culturais como agentes na disseminação dos signos que perpassam a modernidade no ocidente, moldando desejos e aspirações.

Além disso, os bares, restaurantes e cafés também facilitavam essa transmissão via oralidade, no sentido de que captavam esse signo mundano de civilidade moderna e passavam a deixar jornais disponíveis nos balcões (ROCHE, 2011, p. 198). Dos cafés de inspiração francesa até os botequins de esquina e armazéns brasileiros, o hábito de buscar esses locais para manter-se bem informado constituiu uma marca incontestável

da transição para um mundo moderno. Em vista disso, Moreira (2009, p. 98) nos diz como era o contexto porto-alegrense da segunda metade do XIX: “foco central da convivência social no espaço urbano, os bares representaram pontos privilegiados de informação. Boatos eram transmitidos, jornais injuriosos circulavam e periódicos muitas vezes tornavam-se acessíveis aos ouvidos populares por sua leitura em voz alta.”

Ao mesmo tempo, a circularidade desse movimento é expressa no crescente espaço dos *faits divers* nas folhas cotidianas, ainda que com diferentes rubricas, e com a elasticidade correspondente às necessidades tipográficas do jornal (GRANJA, 2015; LOSNAK, 2008). “Notícias diversas”, “Factos da Rua”, “Várias” ou “Variedades” são alguns dos termos que acabam comportando essa invasão do cotidiano pitoresco nos temas veiculados nos periódicos (GUIMARÃES, 2007; 2013; 2014). Pautado pelo acontecimento provável e com linguagem próxima à oralidade, esse tipo de nota ganhava cada vez mais espaço à medida que reverberava situações cotidianas e assuntos familiares a todos os leitores.

A proximidade entre a narrativa dessas notícias variadas e as ocorrências policiais veiculadas no período, já fornecem pistas das premissas que guiavam a construção dessas seções. Os acontecimentos da rua e dos locais frequentados pelo ‘populacho’ repousavam na mesma esteira do exótico, na qual desfilavam os conflitos populares que iam parar no colo dos delegados. E a redação de tais textos, se não se enquadra totalmente na linguagem da oralidade coloquial, é porque recorre a pinceladas formais justamente no intuito de enfatizar, com os recursos sutis de vocabulário e pontuação, a discriminação pretensamente benevolente que lhes é intrínseca.

Pesquei

pesquei o atrevimento do joven Rodolpho, (ventania), domingo, no E.T.C. [Está Tudo Certo] encher o coco e depois querer fazer encrenca com alguns militares e puchar uma navalha tentando cortar o Dirceu, (delegado), mas a sorte não lhe protegeu, porque o que aconteceu foi que ainda andou levando uns "trompassos" na rua, mas ainda isso não é nada, o pior é que elle provalecendo-se da encrenca tratou de abrir o bigode acompanhado de dois brigadas para que os outros não lhe enchesse mais o carretão e para livrar-se de pagar alguns cobres que ficou devendo no Certo, mas dor de... cabeça não dá uma só vez. (PESCADINHA, 1933, p. 5).

pesquei o formidavel fôgo que tomou o "bamba" Ubirajára, domingo, no Chuva, a ponto de perder a vergonha. Pois foi tão grande o pifão que, resultou um passeio na sua excia. "Viúva Alegre", e lá ficou até surgir o 7\$800. É a maior das vergonhas, seu Ubirajára, abandone o alcool, que não só lhe desmoralisa como envergonha a sua distinta familia. (PESCADINHA, 1933b, p. 4).

O Alvorada e seus colaboradores possuíam vínculos sólidos com clubes e associações negras e operárias na cidade, com muitos de seus articulistas fazendo parte

inclusive das diretorias desses clubes. Divulgavam massivamente os comunicados e convites dos eventos destas sociedades; contudo, apesar da ambivalência bem-humorada de “Pescadinha” no que diz respeito à embriaguez e às diversões, o jornal se mantinha firme em destacar o desserviço de uma vida de pândegas e bailes. A nota abaixo transcrita, assinada sob o pseudônimo “Negro”, constitui um formato frequente no periódico:

NEGRO

Tres!

Tres! São os habitos que deveis abandonar: 1 - o do alcool. 2 - o do jogo. 3 - o da dança em demasia. Abandonando esses habitos e entregando-te a educação e instrucção, terás dado um passo para o futuro teu e de tua familia. (NEGRO, 1933, p. 2).

Recorrendo ao discurso do trabalho, do progresso e da instrução, a mensagem do jornal partia da premissa de que a saída de um contexto de opressão e segregação do povo negro era fazer dos argumentos dos brancos, ao tentarem justificar o preconceito racial, uma mentira. Para isso, os articulistas procuravam desencorajar hábitos considerados por eles alienantes, como as festas e beberagens. A emancipação política da comunidade negra passaria por um reordenamento de sua manifestação cultural.

As críticas aos hábitos abrigados pelo associativismo cultural propagadas pelo *Alvorada* visavam alertar para as possibilidades emancipatórias das associações, desde que os objetivos principais desses vínculos não ficassem somente no âmbito dos divertimentos viciantes e entorpecentes do jogo, da dança e do álcool. Os articulistas viam tais hábitos com potencial destrutivo não só da solidariedade coletiva capaz de adquirir força e lutar por melhores condições de vida, como também da expectativa de vida dos segmentos populares e da população negra. Tal preocupação se fazia presente nos circuitos de militância em prol da população negra desde o contexto pós-abolição, conforme demonstrou a pesquisa de Humberto Machado (2006).¹² Abaixo, reproduzimos uma das muitas notas curtas encaixadas frequentemente na diagramação do *Alvorada*, além dos artigos completos que chegavam a ocupar meia página.

DA VIDA... E DO ALCOOL

Amigo porque não deixas este vicio? Porque ao envês de beberes não amparas o jornal que sustenta a campanha da educação?

Chegou a hora de abandonarmos todos os vícios. O cópo não deve existir na moderna civilização.

¹² O autor destaca a fala de Joaquim Nabuco, em correspondência datada de 1893, onde escreve que “os negros estão morrendo e pelo alcoolismo se degradando ainda mais do que quando eram escravos.” (NABUCO, 1893 *apud* MACHADO, 2006, p. 146).

Só a escola nos dará uma vida nova e feliz! Avante, para a escola. Deixa a tasca e o teu vício, e verás o efeito rápido do progresso, na tua vida! (BARBOSA, 1933, p. 8).

A embriaguez era considerada, nas primeiras décadas do XX, um grande problema social e de saúde pública, e o discurso médico ajudava a respaldar a campanha contra o alcoolismo. Conforme demonstra a pesquisa de Maria Izilda Santos de Matos (2001), tais campanhas recorriam aos papéis de gênero ao apelar às responsabilidades atribuídas a homens e mulheres na configuração familiar. É significativo o fato que esse tipo de campanha tenha angariado tamanha capilaridade nas primeiras décadas do século XX, pois muitas vezes os artigos reproduzidos em periódicos pelotenses haviam sido originalmente publicados em jornais de cidades maiores.

Porém, o consumo de bebidas alcoólicas não era tão popular apenas por ser potencialmente perigoso. Esse hábito era agregador e responsável por suavizar, ainda que de modo temporário, os contornos ásperos do cotidiano de grande parte dos brasileiros. Em um período de transformações urbanas que impunha autorregulações de toda ordem, a fim de caber nos novos moldes do trabalho e convívio mundanos, o “copo” significava uma fuga da rigidez normativa desse processo de modernização, o qual conflitava com muitas tradições rurais ainda vivas, embora algumas em nítida oposição aos parâmetros da civilidade citadina.

Estes segmentos das classes subalternas, forçados a correr atrás de um processo que muitas vezes não compreendiam, tinham no álcool não só o veículo para um mundo mais familiar, cujo turbilhão das mudanças a enfrentar permanecia como que suspenso; às vezes o tinham também como elemento básico de sobrevivência, pois o valor calórico de bebidas, como a cachaça, constituía uma alternativa acessível para que aqueles privados de uma dieta nutritiva pudessem seguir operantes (ALGRANTI, 2011). Os efeitos colaterais e consequências a médio e longo prazos para a saúde física e psíquica ficavam ofuscados pela necessidade imediata.

Para além dessas considerações, podemos lembrar as três funções sociais do beber apontadas por Mary Douglas (2003). Em primeiro lugar, beber estrutura o mundo como ele é, pois o consumo de bebidas confere significado às relações humanas e a cada parte do dia. Em segundo lugar, beber constrói um mundo ideal, onde a ameaça de um caos dolorido é substituída por uma ordenação tolerável e desejável. Por último, o álcool estabelece uma economia alternativa - em certos casos, criando uma vasta gama de necessidades e relações em torno dos mercados negros.

Na presente pesquisa, é significativo o fato que a construção de um mundo ideal desempenha um importante papel ao abarcar os anseios coletivos por um alívio

cotidiano, marcado pelo cair da luz e pelas suavizações das linhas que dividem rua e casa, realidade e utopia. E não é por acaso a semelhança entre uma das funções contemporâneas da embriaguez e o mundo da realidade dionisiaca - ou do “altar de Baccho” - de que fala Nietzsche (2005, p. 24): o contraponto de um mundo cotidiano de culpa e de destino (ordenação de mundo vulgar e ruim) representado pela aniquilação das barreiras (ordenação de mundo mais elevada).

Para Damatta (1991), a sociedade brasileira, por exemplo, profundamente relacional, se debate entre diferentes esferas de sentido, em torno de visões diferenciadas de si mesma, mas que recorre a um extensivo sistema ritualístico capaz de aproximar e minimizar temporariamente as distâncias entre elas. Essa equação acaba por produzir espaços liminares e situações reveladoras dessa síntese, como são os bares e como é o humor. Conforme Saliba (Entrevista, 7 jun. 2011): “tudo indica que, pelo humor, o brasileiro apropriava-se, por momentos, do espaço público, que lhe era negado pelo poder republicano nas suas mais variadas e perversas formas de exclusão social.”

Enquanto periódico negro bem informado sobre a situação mundial, o *Alvorada* aproveitava a popularidade da coluna para também alertar sobre os perigos que rondavam o povo negro de todos os países diante da ascensão de movimentos totalitários como o fascismo e o nazismo. A invasão de Mussolini nos territórios da Abissínia (atual Etiópia), no que posteriormente ficou conhecida como a Segunda Guerra Ítalo-Etiópe (1935-1936), ocorreu em três de outubro de 1935. Ao final do mesmo mês, a cobertura desses acontecimentos permitia à coluna “Pesquei” mesclar o riso com a consciência política, qualidade tão defendida pelo jornal. Isso prova que o humor não necessariamente implica alienação; o “Pescadinha” escrevia com a fala, mas pensando com a lucidez dos ativistas: “pesquei o “fogo” do J. que até parecia que ia explodir. Se a Dejanira te vê assim vai te mandar para a Abissínia” (PESCADINHA, 1935a, p. 5). É impossível afirmar categoricamente que todo o espectro de leitores e receptores da coluna compreendeu a analogia do Dr. Pescadinha com o fascismo italiano. Porém, é preciso destacar que essa analogia não estava isolada, mas sim, fazia parte de uma série de notícias que acompanhavam de perto a ascensão do autoritarismo na Europa, suas consequências nos países africanos e para o movimento negro como um todo.¹⁵ Contudo,

¹⁵ Via de regra, o *Alvorada* mantinha uma postura elogiosa da política varguista, a qual, a partir do período de 1935, dava mostras mais eloquentes de sua simpatia com o autoritarismo. Esse processo culminaria com o decreto do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, que recebeu o apoio do jornal em notícias posteriores. Entretanto, avaliar o grau de adesão política do periódico implicaria em observar atentamente a produção de cada um de seus colaboradores, levando em consideração o provável impacto da censura, fosse esta externa (governamental), interna (editores do jornal) ou autoinfligida. Tal empreitada, apesar de relevante, foge ao escopo deste artigo. Para saber mais sobre censura à imprensa no Estado Novo e uma

seria um erro pressupor que todos os leitores do jornal lessem com igual atenção desde os artigos de capa até a coluna do Dr. Pescadinha.

Como já vimos, as diversões das classes médias e trabalhadoras no contexto pelotense também sofreram o impacto das inovações advindas com os estilos e as tecnologias do mundo moderno. A proliferação das salas de cinema ao longo das primeiras décadas do século XX atestam a velocidade da disseminação da informação e dos novos hábitos de diversões noturnas, impulsionados pela difusão da eletrificação, transportes e condições de vida, como saneamento e moradia. No entanto, a propagação dessas novidades também teve peso considerável e, acompanhando essa aceleração de atividades e circularidade de hábitos culturais, os assuntos do cotidiano ganhavam cada vez mais espaço na imprensa da cidade.

O crescente espaço da seção desportiva, por exemplo, é também um reflexo da importância dessas interações na cidade. A sociabilidade decorrente dos jogos de futebol amador adensava as relações cotidianas, mesmo no âmbito dos bairros afastados e zonas distritais da época.¹⁴ Em grande parte tomadas pelos campeonatos de futebol, as colunas de esporte, contendo coberturas dos jogos, chegam a receber páginas duplas em periódicos com poucas folhas. Entretanto, temos razões para crer que a movimentação derivada do futebol nem sempre era abstinência ou sequer pacífica¹⁵:

pesquei na partida Juvenil e America, a "trinca do alcool", quando saíram do jogo quebrando "cana", o Cangussú era o que vinha mais "ferido".
Mocinhos, vocês julgam que vão terminar com todo o alcool que tem em praça?
(PESCADINHA, 1932, p. 5).

Temas recorrentes, como o confronto entre modos de vida tradicionais e a aceleração da vida moderna, eram notados de maneira singular nas representações das ocorrências noturnas do espaço público. A proximidade entre as notas de variedades e as narrativas pertencentes às crônicas policiais é evidente, e não apenas quanto à

abordagem minuciosa sobre o jornal *A Alvorada*, ver, respectivamente, Tania Regina De Luca (2011, p. 173) e José Antonio Santos (2003).

¹⁴ É significativo que os autores apontem a década de 1930 como o início da profissionalização dos jogadores negros, o que também evidencia os efeitos políticos e o impacto da organização e luta dessas associações e movimentos culturais, em uma conjuntura de transformação de mentalidade que vai ganhando força à medida que se retroalimenta das contradições cada vez mais visíveis da modernidade (RIGO, 2004; MACKEDANZ, 2016).

¹⁵ De acordo com Fausto (1984, p. 104), a partir da década de 1920 é possível assinalar um período de popularização do futebol. Em livro clássico sobre a criminalidade e o cotidiano de São Paulo, o autor ressalta também o aparecimento concomitante dos conflitos nas quadras. No enfoque pelotense desta pesquisa, percebemos que os casos de violência ou mortes decorrentes de conflitos iniciados nos campos de futebol – na maior parte das vezes, quadras informais e campeonatos amadores – ganhavam grande cobertura da imprensa, a qual noticiava tais ocorrências destacando o contraste entre essa forma de sociabilidade “familiar” e diurna, e os desfechos violentos.

disposição nas páginas dos jornais, mas no condizente ao texto. Apesar da flutuação dessas notas nos enquadramentos – a maior frequência pertence à última página, mas ao longo da década, as notas podem ser observadas desde a capa até a contracapa -, a rubrica ‘Factos da Rua’, por vezes, se confunde com as ocorrências relatadas nas crônicas policiais do Opinião.

Factos da rua

No "Club Beija Flor"

Por ordem do sr. Capitão Manoel de Sá Cordeiro, subprefeito, foi presa, ontem, à noite, a mulher Liberata Tavares que promoveu grossa desordem no "Club Beija Flor", à Praça Piratinino de Almeida, agredindo a mulher Graciana Araújo que saíu ferida na testa. (FACTOS..., 1932, p. 1).

Chronica Policial

Devotos de Baccho

Por haverem, em demasia, "sacrificado" no altar de Baccho, foram fazer penitência no 1º posto os adoradores do velho deus pagão, Hans Peter, Mario Dias, Sylvio Freitas, José Belarmino Ferreira e Germano Hernandez. (CHRONICA..., 1930a, p. 4).

O humor carrega consigo uma historiografia específica, rica e extensa. Exponentes brasileiros destes estudos, os trabalhos de Verena Alberti (2002) e Elias Saliba (2002) merecem destaque pelos esforços hercúleos, com análises que perseguiram as origens das mais remotas reflexões sobre o riso na história da humanidade. Todavia, uma consideração importante para esta análise é o quanto o modo de vida mundano e francês - não por acaso impregnado de humor e desdém - pautou as referências brasileiras e, particularmente, as pelotenses, no que diz respeito às aspirações de modernidade. Das modas literárias e vestimentas, dos hábitos de lazer ao futebol, a elite pelotense viajava à Europa ou mandava seus filhos estudarem nas universidades europeias - ou mesmo na capital federal, impregnada de influências francesas -, trazendo consigo os signos e referências que pautavam o cotidiano das cidades modernas. (RIGO, 2004)

O tipo de humor difundido nos circuitos literários franceses, herdeiro de uma ironia sutil e *blasé* oriunda do universo cortesão, combinado com a profusão de pasquins, canções e sátiras presentes na tradição popular, exportava uma espécie de capital simbólico associado ao uso de tiradas irônicas e inteligentes. Segundo Minois (2003, p. 348-349), o humor francês também adotou características marcadamente ébrias, apesar de se tornar, a partir de 1900, mais cauteloso ao rir do bebado, efeito das campanhas antialcoólicas em curso. Mesmo o jornalismo presente na imprensa norte-americana, cuja influência para o Brasil na década de 1930 já se achava em ascensão, também se encontrava imbuído dessa mentalidade irônica e sarcástica entre seus

escritores - aspecto exemplificado magistralmente na obra de Mark Twain (1835-1910) -, a qual vinculava a capacidade de redigir um texto com espírito zombeteiro a determinado *status* aspirado entre os escritores (MINOIS, 2003).

Mas nenhuma influência externa explica isoladamente a ampla adesão ao humor entre os brasileiros. Essa “assinatura” carrega tintas tão diversas quanto arraigadas na construção de sociedade que aqui se fez, desde os tempos coloniais. Diante da informalidade fundadora de nossas bases, sem um projeto norteador que pautasse nossas origens, o “jeitinho brasileiro” se explica enquanto estratégia de sobrevivência (DAMATTA, 1983). Aproximador e provedor de necessidades negligenciadas pelo âmbito público, o “jeitinho” também está expresso na importância da sociabilidade dos bares para aqueles escanteados do trabalho formal. Na camaradagem com o dono do bar, ou na generosidade alegre de uma “rodada”, o jornaleiro mantinha-se a par das oportunidades de “bicos”, e alguns certamente ficavam atentos às possibilidades ilegais de sustento.

Diante de uma realidade nem sempre agradável aos sentidos, as massas trabalhadoras, que passavam a integrar o público consumidor dos temas veiculados nos jornais, ajudaram a retroalimentar essa via de mão dupla, em que o trago e o riso cotidianos ajudavam a não sucumbir ao abandono da existência. Com efeito, surgia o divertimento proveniente de notas tão corriqueiras, que relatavam os dilemas e situações diárias presentes em qualquer “boteco”, pensão, festa ou baile. O uso frequente das aspas nos títulos desses textos curtos insinuava a ironia por trás dos eufemismos:

Pesquei

pesquei naquele "Baco" perto do Arroio, o Janjão, dansando com a camisa prá fóra das calças, o Jerônimo "virando" de tomancos, a Chinóca namorando o soldado Miguel, o Dudú brigando com o Valentim e o gaiteiro, berrando porque desde ás 8 horas estava a sêco...

Opa! baile da flôr da malandragem... Vocês pensam que Pelotas é a térra da bagunça? (PESCADINHA, 1933c, p. 4).

Se levarmos em consideração as três classificações tradicionais expostas por Saliba (2017) a respeito das técnicas para a produção do riso - a saber, superioridade, alívio e incongruência -, é possível perceber que, na ironia presente nessas notas cheias de aspas e conotações nas entrelinhas, existe uma espécie de entrelaçamento entre as três teorias. Nesse sentido, não surpreende que tais classificações não deem conta de explicar a complexidade dos processos que envolvem o recurso ao humor, conforme argumenta Saliba (2017), porém, levantam possibilidades interessantes de reflexão para análises específicas de produções humorísticas.

No caso das notas aqui analisadas, por exemplo, não há como não perceber o tom de superioridade no humor que ironiza as agruras cotidianas dos embriagados, o qual usa a constante disputa presente entre os sujeitos no convívio em sociedade para produzir uma “[...] súbita concepção de alguma eminência em nós mesmos, pela comparação com a fraqueza dos outros ou com as nossas próprias fragilidades.” (SALIBA, 2017, p. 13). Ao mesmo tempo, é impossível não perceber o alívio cômico proveniente de uma liberação de impulsos supostamente vergonhosos presentes em cada leitor, relacionados à libido, à moral ou à escatologia. É como se a leitura e a identificação com as transgressões alheias fizessem reverberar desejos próprios suprimidos, e essa satisfação ficcional abrisse uma “válvula” que desafoga as tensões provenientes de tal supressão, causando o riso.

Ninguém admitia publicamente gostar do samba ritmado, herdado do “maxixe desavergonhado”, das piadas de caipiras ou das anedotas obscenas. Mas dificilmente resistia à sedução de tamborilar com os dedos, chacoalhar os pés ou ouvir e difundir, ao pé do ouvido, “a última piada”. Parece que a sociedade delegava aos humoristas, os “palhaços por um dia” ou “engraçados arrependidos”, a representação, em relances rápidos e efêmeros, desses desejos sutilmente recalçados ou encobertos. (Elias Thomé Saliba, entrevista, 7 jun. 2011).

Por último, mas não menos importante, o uso da incongruência também aparece em determinadas narrativas do período, as quais brincavam com a dualidade entre percepção e representação do mundo; esse uso abrange uma vasta gama de produções, justamente por explicar o riso por meio do contraste entre representação intelectual e o mundo real dos objetos. Apontada por muitos como condição do potencial humorístico, essa disparidade acaba por gerar a ideia de abordagem linguística do humor, segundo a qual os leitores possuiriam uma competência humorística baseada na performance, que consiste em ser capaz de prever o modo de comunicação utilizado. O riso, portanto, ocorreria quando esse modo de comunicação rompesse com essa previsibilidade, expresso sensivelmente quando “[...] o texto humorístico começa a ser percebido de uma maneira e termina de outra, diferente do inicial.” (SALIBA, 2017, p. 16).

Contando com essas estratégias, alguns textos do *Opinião*, no início da década de 1930, transitam habilmente por esses eixos, utilizando o material das ocorrências corriqueiras dos “fatos da rua” para rir das desgraças do cotidiano. Como sentenciou Saliba (Entrevista, 7 jun. 2011), “a vida do brasileiro é tão cheia de incongruências que, para fazer humor, ele faz uma paródia da vida real.” Isso fica expresso, por exemplo, na alusão ao imaginário da mitologia grega e da literatura para descrever o estado de embriaguez seguido de uma noite no “xadrez”:

Chronica Policial

Alcoolatras perigosos

Dois inveterados adoradores de Baccho, andavam pelas ruas a desenhar palavras cruzadas, em passos ora horizontaes, ora verticaes. A branquinha ia fazendo prodigios nas entontecidas cabeças dos dois ferozes inimigos da lei secca e, tanto assim, que dentro em pouco [vir]am-se ambos - numa visão [al]coolica - deante de fantas[ti]cos animaes monstruosos, [an]ti-diluvianos, dinosauros [fa]bulosos de fauces escan[ca]radas e longas caudas [pi]ntadas... Que fazer? Um de faca e outro de facão, avançaram indomitos. E quando despertaram, encontraram-se calmamente deitados no xadrez no posto policial e alliviados do peso alcoolico e das afiadas armas... (CHRONICA..., 1930, p. 4).

A rubrica “alcoolatras perigosos” já institui parte da brincadeira com as expectativas do leitor, à medida que prepara os ânimos para a narrativa de cenas ameaçadoras, mas rompe com o esperado ao tratar a agressão como um episódio cômico de alucinações embriagadas. Os *faits divers* e crônicas policiais veiculados diariamente no *Opinião*, na década de 1930, transitam entre a ironia diante das diversões e conflitos populares e abordagens de tom mais sóbrio e conservador. Assim, contempla e entrelaça diversos tipos de riso e de leitor, segundo as teorias “clássicas” descritas por Saliba (2017): aquele que ri por se sentir superior à condição degradante dos bêbados detidos e expostos ao ridículo nas páginas dos jornais; o riso que se diverte em desafogar suas próprias vontades similares e não realizadas, ou negadas/escondidas; e o riso causado pela incoerência entre a situação real, orgânica, de bêbados intoxicados e levados presos pela polícia, e a descrição do acontecimento no jornal, que brinca com a fantasia alcoólica remetendo à sua simbologia mitológica e literária.

Há uma ambivalência emblemática que vem demonstrar a linha tênue na qual se equilibrava o *Opinião* no período, visto que as oscilações presentes nas abordagens da embriaguez também apresentam correlação com as diferentes administrações do periódico no período. Enquanto iniciativa em defesa dos interesses das classes populares e trabalhadoras, o jornal nem condenava totalmente o hábito de embriagar-se, tampouco deixava de enfatizar suas consequências nefastas. Com as notas espartanas das descrições policiais, aproximava-se da ética do trabalho, a qual satisfazia empregadores e boa parte dos anunciantes; com o recurso eventual ao humor, o escritor provocava o riso, driblava as conotações políticas e permitia um leque variado de interpretações sem se comprometer explicitamente a nenhuma - e ainda poderia agradar os anunciantes de vinho e distribuidoras de bebidas.

Na esteira dessas narrativas aparentemente conflitantes, parece repousar uma proposição tão simbólica das noções de convívio social e civilidade na modernidade: o modelo de comportamento é aquele capaz de gozar dos momentos lúdicos sem perder o autocontrole. Afinal, essa postura funciona como uma admissão de que os efeitos

positivos do beber são amplamente conhecidos e que suas potenciais consequências nefastas não deveriam justificar a abolição do hábito *a priori*, mas sim estimular sua disciplinarização.

Os dois ébrios
(De uma anedocta)

Em uma linda noite de luar,
Encontrei lá perto da Avenida,
Dois homens que estavam a palestrar
Sobre o triste vício da bebida.

Diz o primeiro com um ar ameno;
_ Não devemos acreditar mais em beber,
A bebida é um grande veneno,
Devemos tratar é de comer!
Dois mil réis, é apenas o que temos,
O que vamos agora nós comprar,
No armazem do amiguinho Lemos,
Para a nossa fome saciar?...

Isso não é pergunta que se faça
Principalmente nesta ocasião,
Compraremos 1\$800 de cachaça
E, para sobremesa sim, um pão.
Respondeu-lhe o outro com franqueza:
_ Para fazermos bem a digestão,
Não devemos comer é sobremesa;
E para que queremos tanto pão?...
(JOCA, 1932, p. 7).

As notas variadas de ambos os periódicos conviviam com a veiculação paradoxal entre as duas correntes que mencionamos acima: uma preocupada em alertar para os malefícios do consumo de bebidas alcoólicas, seu potencial destruidor de famílias e vínculos laborais, a qual adotava desde reportagens inteiras de capa a artigos da campanha antialcoólica de outros centros; e outra, que recorria a um tipo de humor produtor de alívio, quase que um salvo-conduto para situações em que o próprio leitor tenha perdido o controle no consumo de bebidas - ao rir daqueles que “passavam do ponto”, mas sem que esse riso culminasse em uma retórica proibicionista.

Pesquei

pesquei a Nena, andar envolvendo-se com a vida dos outros, sábado último, quando terminou o baile no Fica [Clube Fica Aí Pra Ir Dizendo], ela começou gritando que a vergonha daquele cordão era a d. Tomazia.
Ora, d. Nena, qual é o papel ridículo que fês a d. Tomazia dentro do Fica ai? Se é por tomar a sua cerveja isso não vai ao caso, porque eu sei que você também dá um dente por sua "cevadinha" e mesmo boca fexada não apanha mosca d. Nena.
(PESCADINHA, 1933a, p. 4).

O que repousa nessa aparente contradição constitui a ambivalência moderna tipicamente brasileira, que demonstra estar alinhada com a ordem propagada enquanto norma, mas relativiza esta última deixando subentendido que incorrer no erro não é uma situação definidora ou irreversível. É a historicidade do jeitinho brasileiro que chega até nossos dias com o “é proibido, mas se quiser, pode.”

Considerações finais

A linguagem bem-humorada encontrada nos periódicos pelotenses da década de 1930 parecia constituir um recurso narrativo capaz de agregar leitores de mundos de referências distintos, conciliando abordagens distantes acerca do tema da embriaguez. As possíveis conclusões desta pesquisa se alinham com Saliba (2017), quando argumenta que o uso do humor na redação do texto também atende ao apelo de ampliar as possibilidades interpretativas, o que, não por acaso, é perceptível nos jornais pelotenses que pretendiam alcançar desde donos de fábricas até o operariado.

O recurso ao humor também se mostrava eficaz enquanto uma abordagem possível diante do turbilhão de transformações pelas quais as cidades de porte médio passavam no início do século XX. Mudanças que não se restringiam ao espaço físico, mas que invadiam as noções de convívio social, lazer e comportamentos, condicionavam paulatinamente a capacidade de consumo à respeitabilidade, ao pertencimento, tornando cada vez mais indissociáveis o ‘ter’ e o ‘ser’. A incapacidade de explicar e conferir sentido imediato às novas imposições que atravessavam o cotidiano, fez com que o riso fosse a alternativa possível ao desespero, aproximando inseguranças de grupos distintos.

Por outro lado, o humor parece ser o instrumento da resiliência daqueles segmentos que só podem contar consigo mesmos para se reerguer. Magistralmente captado pelos jornalistas “anfíbios” destes periódicos, os quais transitam entre a mitologia grega e o submundo da “flor da malandragem”, esse instrumento confere contornos menos alarmantes ao autocontrole tão rígido e simbólico da modernidade civilizada. Afinal, “[...] o humor, por mais agressivo que seja, incentiva a sociabilidade, sublima a agressão, administra o cinismo e, em alguns casos, estiliza a violência, dissolvendo-a no riso.” (Elias Thomé Saliba, entrevista, 7 jun. 2011).

Em suma, essa intersecção entre sociabilidade, embriaguez, sonho e sobrevivência, que de fato constitui as intrincadas relações no espaço dos bares e da vida noturna popular, de forma alguma pode ser apreendida pontualmente. Contudo, nos agarramos aqui aos resquícios disponíveis dessas vivências e procuramos conduzir o leitor por todos os vieses que os compõem, para que possamos delimitar seus contornos e profundezas, buscando conceber a amplitude do que ainda nos é impossível ver.

Referências

- AL-ALAM, Caiuá Cardoso. *A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. 2007. 250 f. Dissertação (Mestrado em História). Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1845>. Acesso em: 19 jan. 2020.
- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- ALGRANTI, Leila Mezan. Tabernas e botequins: cotidiano e sociabilidades no Rio de Janeiro (1808-1821). *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 25-42, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/349>. Acesso em: 28 nov. 2018.
- BORGES, Geruza Esteves. *A Energia Elétrica como Campo de Pesquisa: Os primórdios da eletrificação em Pelotas (1914-1916)*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.
- CARVALHO, Thais de Freitas. A cidade à noite: tensões e sociabilidade no espaço público pelotense (Pelotas-RS, 1930-1939). *Cadernos de História*, v. 18, n. 29, p. 460-484, jul./dez. 2017.
- DA MATTA, Carmen. Rio de Janeiro, solo configurador da literatura nacional. *Revista Rio de Janeiro*, n. 10, maio-ago, 2003. Disponível em: http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-Carmen.pdf Acesso em: 26 set. 2020.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.
- DE LUCA, Tania Regina. A Grande Imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 149-175.
- DORNELLES, João Batista. Profissões exercidas pelos negros em Pelotas (1905-1910). *História em Revista*, Pelotas, v. 4, p. 95-138, dez.1998. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/12019>. Acesso em: 28 set. 2020.
- DOUGLAS, Mary. *Constructive Drinking. Perspectives on drink from Antropology*. London and New York: Routledge, 2003.
- ECO, Umberto. *Lector in Fabula*. Barcelona: Lumen, 1993.
- FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano. A criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GAYOL, Sandra. Ámbitos de sociabilidade em Buenos Aires: despachos de bebidas y cafés, 1860-1930. *Anuario IEHS*: Instituto de Estudios Histórico Sociales, n. 8, Tandil, p. 257-273. 1993. Disponível em: <http://anuarioiehs.unicen.edu.ar/Files/1993/013%20-%20Ambitos%20de%20sociabilidad%20en%20Buenos%20Aires.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

GAYOL, Sandra. *Sociabilidad en Buenos Aires: Hombres, honor y cafés 1862-1910*. Buenos Aires: Ed. del Signo, 2000.

GOUVÊIA, Melissa Xavier. *Misera princesa destronada: crime e ordem pública em Pelotas (1902-1928)*. 2015. 131f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/5919>. Acesso em: 13 fev. 2020.

GRANJA, Lúcia. Crônica. Chronique. Crónica. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 38, p. 86-100, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/837/795>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GUIMARÃES, Valéria. Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 323-349, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 jul. 2020.

GUIMARÃES, Valéria. Imaginários do sensacionalismo: transferências culturais entre Brasil e França no início do século XX. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 97-123, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11757>. Acesso em: 24 jul. 2020.

GUIMARÃES, Valéria. Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os *faits divers* criminais. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 103-124, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/34324>. Acesso em: 23 jul. 2020.

LONER, Beatriz Ana. Jornais pelotenses diários na República Velha. Pelotas: *ECOS Revista*, EDUCPel, 1998.

LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (Orgs). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: EdUFPel, 2010.

LOSNAK, Célio José. Imprensa “moderna”, imprensa interiorana: tensões/interações midiáticas e sócio-culturais. In: 6º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA MÍDIA, 2008, Niterói. Anais do 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Niterói: Rede Alfredo de Carvalho, 2008. p. 2-11. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Imprensa%20201cmoderna201c-%20imprensa%20interiorana.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.

MACHADO, Humberto Fernandes. Imprensa e identidade do ex-escravo no contexto do pós-abolição. In: NEVES, Lúcia Maria *et. al.* (Orgs). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

MACKEDANZ, Christian Ferreira. *Racismo “nas quatro linhas”*: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). 2016. 141f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5562>. Acesso em: 04 ago. 2020.

MAGALHÃES, Mario Osorio. *Pelotas Século XIX*. Pelotas: Mundial, 1994.

MARRONI, Fabiane V. *Pelotas (re)vista*: a Belle Époque da cidade através da mídia impressa. 2008. 237f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5047>. Acesso em: 24 jul. 2020.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim*: alcoolismo e masculinidade. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

MAUAD, Ana Maria. O olho da História: Fotojornalismo e a invenção do Brasil Contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria et. al. (Orgs). *História e Imprensa*: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*: ensaios sobre história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Entre o deboche e a rapina*: os cenários sociais da criminalidade popular em Porto Alegre. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A visão dionisíaca do mundo*, e outros textos de juventude. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. A imprensa negra do Rio Grande do Sul e alguns de seus homens. *Revista Espacialidades*, Natal, v. 12, n. 1, p. 01-25, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17650>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteira*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

ROCHE, Daniel. As práticas da escrita nas cidades francesas do século XVIII. In: CHARTIER, Roger (org). *Práticas da leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 177-200.

ROMERO, José Luis. *América Latina*: as cidades e as ideias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALIBA, Elias Thomé. Entrevista concedida a Márcia Junges. As raízes do riso e a ética emocional brasileira. *IHU On-line*. Edição 367, 27 de junho de 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/17-artigo-2011/3965-elias-thome-saliba>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SALIBA, Elias Thomé. História cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. *Revista de História*, São Paulo, n. 176, p. 01-39, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127332>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SANTOS, José Antonio dos. *Etnicidade, nação e culturas: intelectuais negros, educação e militância*. In: CBHE – CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2, 2002, Natal. CBHE – História e Memória da Educação Brasileira. Natal: UFRN, 2002. p. 1-10. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema6/0614.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SANTOS, José Antonio dos. *Raiou A Alvorada: intelectuais negros e imprensa*. Pelotas: Editora UFPEL, 2003.

SANTOS, José Antonio dos. *Prisioneiros da História*. Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. 2011. 281f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3805>. Acesso em: 20 set. 2020.

SEIGEL, Jerrold. *Paris Boêmia*. Cultura, política e os limites da vida burguesa (1830-1930). Porto Alegre: L&PM, 1992.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. Cleópatra prostituída ou a evocação histórica a serviço da sátira. *Revista de Letras*, Fortaleza, v.1, n. 27, p. 5-8, jan/dez. 2005. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2278>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-1985). In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord.). *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 4. Diretor do volume: René Gertz.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

Fontes

BARBOSA, M. Da Vida... E do Alcool. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXVI, n. 34, p. 8, 26 ago. 1933.

CHRONICA POLICIAL. *A Opinião Pública*, Pelotas, Ano XXXIV, n. 202, p. 4, 07 jan. 1930.

CHRONICA POLICIAL. *A Opinião Pública*, Pelotas, Ano XXXIV, n. 207, p. 4, 13 jan. 1930a.

CHRONICA POLICIAL. *A Opinião Pública*, Pelotas, Ano XXXIV, n. 236, p. 4, 17 fev. 1930b.

FACTOS DA RUA, “No Club Beija Flor”, *A Opinião Pública*, Pelotas, Ano XXXVII, n. 86, capa, 12 ago. 1932.

JOCA. Os Dois Ébrios (De uma anedota). *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXV, n. 34, p. 7, 03 jul. 1932.

NEGRO. TRES! *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXV, n. 5, p. 2, 29 jan. 1933.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXV, n. 35, p. 5, 10 jul. 1932.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXV, n. 56, p. 5, 18 dez. 1932a.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXV, n. 1, p. 5, 1º jan. 1933.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXVI, n. 20, p. 4, 21 mai. 1933a.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXVI, n. 37, p. 4, 17 set. 1933b.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXVI, n. 41, p. 4, 15 out. 1933c.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXVII, n. 3, p. 4, 20 mai. 1934.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XXVII, n. 27, p.5, 04 nov. 1934a.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XVIII, n. 9, p. 5, 07 jul. 1935.

PESCADINHA, DR. Pesquei. *A Alvorada*, Pelotas, Ano XVIII, n. 25, p. 5, 27 out. 1935a.